

DEUSAS, SANTAS E O PENTAGRAMA MÁGICO EM A LENDA DO CAVALEIRO VERDE (2021)

Goddesses, saints and the magic pentangle in *The green knight* (2021)

Gabriela Carlos Luz¹

<https://orcid.org/0000-0001-8951-6246> 

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Araraquara, SP, Brasil. 14800-901– pgeli.fclar@unesp.br

Resumo: O poema medieval *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* teve sua adaptação cinematográfica intitulada *A Lenda do Cavaleiro Verde* lançada em 2021 com direção de David Lowery com Dev Patel no papel de Gawain. Tanto o poema quanto o filme apresentam uma quantidade significativa de personagens femininas que possuem algum contato com o sobrenatural e que agem como guias e mediadoras de testes na jornada de Gawain. Este trabalho pretende abordar como estas personagens femininas foram adaptadas para o longa-metragem pensando em como a conjunção com magia e o simbolismo do pentagrama foi utilizado de maneira a relacionar tais personagens como arquitetas da aventura e conseqüentemente como representações divinas de lendas pagãs que foram sincretizadas com o universo religioso cristão. O trabalho também foca em referências da literatura medieval para adaptações para o cinema moderno discutindo como dada a dificuldade em adequar personagens complexas como Morgana le Fay e símbolos como o pentagrama, o diretor utilizou representações estratégicas para que audiências modernas tivessem uma melhor compreensão da aventura do cavaleiro de Arthur. O estudo é baseado em análises de feminismo e literatura arturiana como expressado por Larissa Tracy e Geraldine Heng; de textos críticos acerca de adaptações arturianas como o de Maureen Fries, além de autores especializados no poema original como J. A. Burrow e utiliza a tradução mais recente em língua portuguesa do poema medieval feito por Artur Avelar em 2020.

Palavras-chave: Feminismo; Literatura Arturiana; Literatura Medieval; Sobrenatural.

Abstract: The medieval poem *Sir Gawain and the Green Knight* had its film adaptation entitled *The Green Knight* released in 2021 under the direction of David Lowery with Dev Patel in the role of Gawain. Both the poem and the film feature a significant number of female characters who have some contact with the supernatural and who act as guides and test mediators in Gawain’s journey. This work intends to approach how these female characters were adapted for the feature film, thinking about how the conjunction with magic and the symbolism of the pentangle were used in order to relate such characters as architects of the adventure and consequently as divine representations of pagan legends that were syncretized with the Christian religious universe. The work also focuses on references from medieval literature to adaptations for modern cinema, discussing how, given the difficulty in adapting complex characters such as Morgan le Fay and symbols such as the pentangle, the director used strategic representations so that modern audiences had a better understanding of the adventure of Arthur’s knight. The study is based on analyzes of feminism and Arthurian literature as expressed by Larissa Tracy and Geraldine Heng; of critical texts about Arthurian adaptations such as Maureen Fries, as well as authors specialized in the original poem such as J. A. Burrow and uses the most recent translation into Portuguese of the medieval poem made by Artur Avelar in 2020.

Keywords: Feminism; Arthurian Literature; Medieval Literature; Supernatural.

Introdução

Em 2021 foi lançado aos cinemas o longa-metragem *A lenda do Cavaleiro Verde* (em inglês *The Green Knight*) dirigido por David Lowery e produzido pelo estúdio A24. Esta é a adaptação cinematográfica do poema medieval *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* de autor anônimo e descreve a história de Gawain, um dos cavaleiros da corte do Rei Arthur, que, ao aceitar um desafio oferecido por um cavaleiro verde misterioso, deve se aventurar até a residência deste cavaleiro para que o jogo seja completo. O Cavaleiro Verde pede que qualquer um dos presentes na corte de Arthur lhe dê um golpe qualquer em seu corpo com a condição que, após o período de um ano, ele esteja na presença do Cavaleiro novamente para receber o mesmo golpe de volta.

O filme foi protagonizado por Dev Patel no papel de Gawain, Sean Harris como Arthur e Joel Edgerton como Senhor Bertilak. Contudo, o estudo aqui feito é baseado inteiramente nas personagens femininas do poema e como estas foram adaptadas para o cinema pensando, sobretudo, em seu contato com a magia e o sobrenatural elaborando um pensamento crítico de como a representação do insólito foi integrada por meio de cores e símbolos presentes no poema original. O filme faz interpretações interessantes a respeito das personagens femininas do poema que nos leva a discutir sobre o lugar do sobrenatural e como este é observado através de imagens e representações que conectam o universo cristão com modelos de lendas pagãs.

A personagem mais importante de nosso estudo é a mãe de Gawain, protagonizada por Sarita Choudhury. Veremos primeiramente como, na adaptação cinematográfica, esta personagem se tornou a junção de duas feiticeiras importantes nas lendas arturianas e como essa junção pode ser observada como uma representação do sincretismo religioso medieval além de fazer uma inclusão maior da rainha Guinevere no drama, interpretada por Kate Dickie. Discutiremos também sobre outras personagens insólitas do longa-metragem como a aparição de Santa Winifred (interpretada por Erin Kellyman) e como a representação de duas personagens, Essel e Lady Bertilak, pela mesma atriz, Alicia Vikander, pode ser entendida como mais um vínculo sobrenatural ao teste de Gawain.

O filme se foca primeiramente em questões como coragem, honra e bravura em meio ao reino decadente de Arthur, porém, os símbolos que guiam Gawain em sua jornada, concebidos representações do insólito, são feitos, em sua maioria, por personagens femininas. A conexão das mulheres na narrativa entre si mesmas é também um dos assuntos a serem discutidos aqui, por isso iremos debruçar nosso estudo em estudiosos que consideram a conexão entre o insólito e o feminismo em *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* como Larissa Tracy e Geraldine Heng, assim como leituras feitas por outros críticos do poema medieval como J. A. Burrow e Gerald Morgan. Também utilizaremos o trabalho de críticos que discorreram sobre narrativas arturianas adaptadas para o cinema ou televisão como Maureen Fries.



O poema adaptado foi escrito originalmente em Inglês Médio e, para ilustrar cenas importantes para a discussão da adaptação, escolhemos a tradução realizada por Artur Avelar em 2020 por ser acessível tanto em nível acadêmico quanto para leigos e por ser a tradução mais recente em língua portuguesa do poema. O estudo do poema de Gawain se faz pertinente neste momento em que novas interpretações de lendas arturianas estão aumentando tanto para o cinema e redes de streaming como a série *Cursed* na plataforma Netflix. Assim, as personagens femininas nas obras arturianas estão tendo uma audiência maior e diferentes representações em mídias que exercitam o pensamento sobre o feminismo e o sobrenatural tanto na Idade Média quanto nos dias de hoje.

Para entendermos como o filme fez sua adaptação do poema é necessário conhecer a obra original. Faremos um breve percurso da narrativa medieval a ser analisada para que se entendam, de forma clara, as passagens principais que o longa-metragem utilizou ou modificou para a narrativa. *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde* (daqui em diante SGCV) é um poema datado do século XIV escrito por um poeta anônimo (geralmente conhecido como Gawain poet, ou seja, o poeta de Gawain). O poema é escrito em Inglês Médio e contém 2530 linhas separadas em *fitts*, um exemplo de separação visto em poemas medievais para a quebra da narrativa.

O poema de SGCV é separado em quatro *fitts*. O primeiro descreve a chegada do Cavaleiro Verde à corte do Rei Arthur e a descrição do jogo. Durante as festividades de ano novo, todos os cavaleiros de Arthur se reúnem em um salão em celebração deste período. Ao lado de Arthur senta a rainha Guinevere e à direita e esquerda do rei, sentam-se respectivamente Gawain e Agravain, seus sobrinhos. As festividades são interrompidas com a chegada de um cavaleiro misterioso gigante e de cor verde que desafia um cavaleiro honroso da corte para um jogo. Ele pede para que um dos cavaleiros lhe dê um golpe qualquer. Este homem irá receber seu machado em troca, mas deve, após o período de um ano, viajar até a morada do Cavaleiro Verde para que ele retorne o mesmo golpe no corpo do participante. Gawain pede a seu tio que lhe conceda a honra desse jogo e decapita o Cavaleiro cuja cabeça cai no chão. Contudo, o cavaleiro discursa que Gawain tem um ano para encontrá-lo e receber o golpe de volta e vai embora da corte.

O segundo *fitt* detalha a preparação e a viagem que Gawain faz um ano após a aparição do Cavaleiro Verde. Ele deve encontrar a Capela Verde (onde o cavaleiro reside). Os aparatos de sua armadura são descritos pelo poeta e Gawain atravessa diversas terras, passando por “*Holyhead*” (que discutiremos como o poço da Santa Winifred mais adiante). Em meio a problemas como lutas com lobos, ursos e gigantes Gawain consegue, depois de muito esforço, chegar à casa de um nobre onde pede para passar o Natal e rezar a missa. O Senhor o acolhe em sua casa e Gawain conhece sua esposa, não nomeada, que é descrita com uma aparência muito bela e, ao seu lado, uma senhora bem mais velha sempre a acompanha. Gawain e o Senhor fazem uma aposta em que tudo que o Senhor encontrar quando sair para caçar pertencerá a Gawain, porém

Gawain deve retornar a ele tudo que encontrar pela casa.

O terceiro *fitt* é quando teremos as cenas do quarto e da sedução da Senhora do nobre. Ela visita o quarto de Gawain três vezes e pede um beijo em retorno. Gawain é cauteloso para não ofender a Senhora, mas rejeita seus avanços em respeito a quem o hospeda. Após algumas conversas Gawain concede o beijo pedido traindo assim seu anfitrião. Gawain pede ao Senhor que lhe mostre onde está a Capela Verde e este lhe diz que ela fica nas proximidades. Na última noite antes da saída de Gawain encontrar o Cavaleiro, a Senhora o visita mais uma vez e pede por seu afeto. Gawain diz que não pode lhe dar o que pede e ela fica ofendida com o fato de Gawain não aceitar seu anel. Após certa insistência, ela pede que ele aceite um cinto verde e dourado que irá o proteger e enquanto Gawain o usar nenhum mal pode lhe ocorrer. Ainda com receio do golpe do Cavaleiro Verde, Gawain aceita o cinto e parte para terminar o jogo.

No quarto e último *fitt*, Gawain vai até a Capela Verde e encontra o Cavaleiro que o pede que fique imóvel enquanto ele desfere o golpe. Da primeira vez, Gawain recua e o Cavaleiro o ofende por não aceitar o desafio e demonstrar medo ao receber seu próprio golpe de volta. Na próxima vez Gawain fica imóvel e recebe uma pequena investida do Cavaleiro em seu pescoço terminando assim o jogo. O Cavaleiro revela ser o Senhor da casa que Gawain tem sido hóspede nos últimos três dias e se apresenta como Bertilak de Hautdesert. Ele revela que o jogo da decapitação e da sedução foram testes criados por Morgana le Fay que controla aquelas terras. Morgana é revelada ser a idosa que acompanhava a Senhora e que havia criado a imagem do Cavaleiro para assustar e atormentar a rainha Guinevere na corte de Arthur.

Discutiremos agora a maneira que o poema foi adaptado em filme. Os diferentes símbolos do poema original foram reinterpretados na narrativa como instrumentos que serviram de base não só para contar a história de Gawain, mas também para acrescentar uma perspectiva que considera a importância das personagens femininas e do sobrenatural de uma maneira inovadora. Essa interpretação faz referências diretas às representações do insólito na Idade Média já que a conexão dessas personagens com o sobrenatural simboliza um mundo altamente sincretizado no contexto religioso cristão/pagão além de oferecer uma narrativa povoada por divindades femininas.

A conjunção de divindades femininas em *O Cavaleiro Verde* (2021)

A primeira semelhança notável que o filme assemelha ao poema original foi também ser dividido em pequenos capítulos (relembrando os *fitts*) intitulados respectivamente: *The Christmas game*; *A too quick year*; *The journey out*; *A kindness*; *A meeting with St. Winifred*; *An interlude*; *An exchange of winnings*; *A beheading at the Green Chapel* e *The voyage home*. O filme segue igualmente a história de Gawain, porém ao invés de se focar nos jogos de sedução e confirmação de Gawain como um cavaleiro nobre e verdadeiro, o longa enfatiza como a jornada de Gawain, orquestrada por sua mãe, o testa para ser mais independente e corajoso. Os elementos destes testes de coragem são claros durante o

filme: Ele é lançado ao desconhecido; assaltado por ladrões; seduzido por mulheres misteriosas e a todo o momento reconhece sua própria mortalidade e seu medo de receber o golpe de volta do Cavaleiro Verde e ser decapitado.

Embora o filme foque muito mais na perspectiva de Gawain (e seu medo consequente do golpe que será desferido pelo Cavaleiro Verde), podemos ver a influência de sua mãe para que o filho comece sua jornada. Do mesmo jeito que no poema temos a revelação que Morgana le Fay era a arquiteta do desafio, no longa, é a mãe de Gawain quem invoca o jogo para testá-lo.

Desta forma, a personagem que acreditamos ter maior importância tanto para a narrativa do poema quanto do longa-metragem é Morgana le Fay ou, neste caso, a mãe de Gawain. O filme traz uma nova interpretação a respeito da inclusão (ou não inclusão, já que veremos que se trata de uma personagem ambígua) de Morgana na narrativa. O texto de SGCV é um texto arturiano, ou seja, os personagens são bem conhecidos, salvo mínimas exceções. Para a audiência da época, a identidade dos personagens já era estabelecida por diversos outros textos e contos orais folclóricos que permeiam o universo arturiano. Gawain é sempre sobrinho de Arthur, Morgana é sempre a meia-irmã de Arthur, Guinevere é sempre a rainha etc. Pequenas alterações são vistas em outras fontes dos textos, porém a assimilação de duas personagens ou uma completa substituição de personagens é mais comum em adaptações cinematográficas do que na literatura. Por isso é necessário analisar como o diretor abstraiu a importância de certas personagens com a intenção de esclarecer a narrativa para audiências modernas. Nas lendas arturianas originais, Gawain é o filho de Morgause (irmã de Morgana) que também é uma feiticeira e meia-irmã de Arthur. Morgause, no entanto, não é mencionada no poema original, entretanto, a questão da linhagem de Gawain teria sido conhecida na época em que o poema foi escrito. O diretor do longa, David Lowery, comenta em uma entrevista concedida à revista *Vanity Fair* como ele substituiu Morgause por Morgana para que a justificativa do jogo envolvesse uma história entre mãe e filho:

In the book, you get this deus ex machina appearance by Morgan le Fay and she's like, 'I was behind everything, Lord Bertilak and the Lady were possessed by me and I was also this character.'... She's vital to the story, but she really only shows up in the last two or three pages of the text. I definitely wanted to avoid that.¹ (LOWERY, 2021, on-line).

No longa, a personagem interpretada por Sarita Choudhury, mãe de Gawain, não é nomeada, mas é claramente uma feiticeira. Fato que parece ser conhecido por todos, mas mal visto por Gawain que chega a agredir um homem que chama sua mãe de bruxa dentro de uma taverna. No filme é também a mãe de Gawain e não a Senhora Bertilak que primeiramente lhe concede o cinto que o protegerá durante sua aventura. A

¹ No livro, você tem essa aparição de deus ex machina de Morgana le Fay e ela diz, "Eu estava por trás de tudo, Lord Bertilak e a Senhora estavam possuídos por mim e eu também era esse personagem."... Ela é vital para a história, mas ela realmente só aparece nas últimas duas ou três páginas do texto. Eu definitivamente quis evitar isso. (LOWERY, 2021, on-line, tradução nossa).

substituição de Morgause por Morgana (ou a união das duas em uma) é notável, pois clareia as dúvidas que diversos críticos elaboraram sobre o papel de Morgana no texto original. Ainda assim, como veremos a seguir, não é a primeira vez que as duas irmãs são agrupadas em uma, especialmente em narrativas modernas de lendas arturianas.

Começaremos com a análise da personagem que institui o jogo na narrativa: a mãe de Gawain. Como dito anteriormente, o diretor David Lowery decidiu estabelecer Morgana como a mãe de Gawain para que existisse uma explicação mais compreensível acerca do jogo da narrativa. Primeiramente, no poema original, temos ao seu fim, a revelação que o aparecimento do Cavaleiro Verde na corte de Arthur foi orquestrado por Morgana para assustar a rainha Guinevere e que tanto Bertilak como sua Senhora são servidores da meia-irmã de Arthur em seu teste. Tanto no filme, quanto no poema, a aventura de Gawain continua sendo um desafio criado por uma feiticeira, no entanto, o filme mostra que esta feiticeira é sua mãe. Gawain historicamente é filho de Morgause, irmã de Arthur e Morgana, mas que também possui vínculos com a feitiçaria. Ao estabelecer uma mulher misteriosa, não nomeada, na narrativa do filme temos a conjunção das irmãs feiticeiras. David Lowery, desta forma, não parece ter trocado Morgause por Morgana, mas sim ter unido as duas personagens para estabelecer evidentemente qual é a intenção dos testes, algo que ainda é muito discutido na lenda do Cavaleiro Verde.

Esta conjunção das duas irmãs não é inédita e já foi comentado por Maureen Fries:

Beyond the decision to include Le Fay in his work, the filmic auteur may choose to emphasize, rationalize, or ignore her magical nature; or he may choose to substitute in an appropriate narrative slot an (...) analogous figure; or he may, following the lead of numerous adapters, conflate her with another Arthurian female, usually either the Lady of the Lake or – the most usual novelistic conflatee – her sister Morgause.² (FRIES, 1999, p. 69).

A necessária substituição/conjunção das duas irmãs muito se deve ao fato de Morgana ser uma personagem incrivelmente complexa com várias representações nos cânones arturianos. Conhecida como “*Le Fay*” (literalmente “A fada”), Morgana é automaticamente associada ao sobrenatural, além de ser uma personagem bem mais popular que Morgause em textos ou narrativas audiovisuais. Como Jill Hebert explica:

Under the guise of the instructress, the influences of the wild man/woman, the fairy figure, and the loathly lady combine to form a picture of Morgan as the powerful, unpredictable feminine that destabilizes knightly identity and questions social expectations of both female and male behavior in

² Além da decisão de incluir Le Fay em seu trabalho, o autor fílmico pode optar por enfatizar, racionalizar ou ignorar sua natureza mágica; ou ele pode escolher substituir em um espaço narrativo apropriado uma (...) figura análoga; ou ele pode, seguindo o exemplo de numerosos adaptadores, combiná-la com outra mulher arturiana, geralmente a Dama do Lago ou – a mais comum fusão romancista – sua irmã Morgause. (FRIES, 1999, p. 69, tradução nossa).

Arthurian romance.³ (HEBERT, 2013, p. 7-8).

Assim, ao inseri-la em qualquer adaptação, o cineasta deve decidir qual caminho tomar em relação à sua representação. Como Maureen Fries justifica: “Handling the characterization of Morgan Le Fay has proven as difficult to twentieth-century filmmakers as it has for almost all other Arthurian fictionists since her creation by Geoffrey of Monmouth (...)”⁴ (FRIES, 1999, p. 67).

Vários críticos possuem visões diferentes sobre qual seria realmente a intenção de Morgana com o teste do Cavaleiro na narrativa original. Alguns não concordam que ela tenha um motivo forte para existir na narrativa, considerando-a como uma intromissão. Por exemplo, Albert B. Friedman escreve em seu artigo “*Morgan le Fay in Sir Gawain*” que o fato de que Morgana é descrita como uma deusa e com uma aparência velha (disfarçada como anciã) significa que ela representa uma espécie de demônio. “(...) Morgan’s ugliness in Sir Gawain is to be taken as an indication of her evil nature and sinful purposes.”⁵ (FRIEDMAN, 1960, p. 267). Larissa Tracy, ao contrário, não concorda com a ideia de que Morgana tenha um papel desnecessário da narrativa ou que sua representação seja indicativa de um grande mal e a estabelece como uma representação simbólica de divindades pagãs:

If she were the evil sorceress Friedman insists that she is, then the poet would not have taken such pains to portray her as an honorable figure, worthy of veneration, and the pentangle, a recognized amulet against evil spirits, would have been invoked to protect Gawain from her, her minion the Green Knight, and her evil plots. As an old woman, Morgan takes the place of the crone, one of the manifestations of the Irish goddess Mórrígan.⁶ (TRACY, 2007, p. 41).

Desta forma podemos ver que opiniões variam em torno do que Morgana representa para o poema, contudo, a intenção do diretor David Lowery está clara na adaptação cinematográfica: Como mãe de Gawain e criadora do teste, a Mãe pretende testar seu filho em uma jornada para que este conquiste a glória de cavaleiro. Alguns símbolos são importantes na representação da mãe de Gawain no filme. Primeiramente ela é sempre vista com outras bruxas. As mulheres não são apresentadas ou descritas e somente uma

³ Sob o disfarce da instrutora, as influências do homem/mulher selvagem, da figura da fada e da dama repugnante combinam-se para formar uma imagem de Morgana como o feminino poderoso e imprevisível que desestabiliza a identidade cavaleiresca e questiona as expectativas sociais do comportamento tanto feminino quanto masculino no romance arturiano. (HEBERT, 2013, p. 7-8, tradução nossa).

⁴ “Lidar com a caracterização de Morgana le Fay provou ser tão difícil para os cineastas do século XX quanto para quase todos os outros ficcionistas arturianos desde sua criação por Geoffrey de Monmouth (...)” (FRIES, 1999, p. 67, tradução nossa).

⁵ “A feiúra de Morgana em Sir Gawain deve ser tomada como uma indicação de sua natureza maligna e propósitos pecaminosos.” (FRIEDMAN, 1960, p. 267, tradução nossa).

⁶ Se ela fosse a feiticeira malvada que Friedman insiste que ela é, então o poeta não teria se esforçado tanto para retratá-la como uma figura honrada, digna de veneração, e o pentagrama, um amuleto reconhecido contra espíritos malignos, teria sido invocado para proteger Gawain dela, de seu laçao, o Cavaleiro Verde, e suas tramas malignas. Já idosa, Morgana assume o lugar da velha, uma das manifestações da deusa irlandesa Mórrígan. (TRACY, 2007, p. 41, tradução nossa).

possui falas durante o longa-metragem, mas está claro que elas são uma representação artística das parcas mitológicas. A primeira cena de magia que temos no filme é a invocação do Cavaleiro Verde durante o banquete de Natal na corte de Arthur. Em contraste com o salão predominantemente masculino, as mulheres realizam um ritual realizado com ervas naturais, plantas, sangue e runas para que o Cavaleiro apareça. A presença da cor verde durante a cena é também simbólica, já que irá representar o insólito durante o filme (que iremos analisar mais adiante). A cor verde e a magia das feiticeiras também aparecem durante a confecção do cinto verde que Gawain irá usar para não sofrer nenhum mal. Vemos que runas mágicas também são utilizadas na criação do cinto. Durante a narrativa, Gawain acabará o perdendo quando é emboscado por ladrões, mas o terá devolvido pela Senhora Bertilak durante as cenas da sedução.

A mãe de Gawain irá aparecer mais vezes durante a narrativa do filme através de outras formas. Primeiramente podemos ver que ela é a raposa que guia Gawain durante sua jornada e que o testa para ir embora da Capela Verde no dia da decapitação. Ela também aparenta ser a velha (e até mesmo a Senhora da casa de Bertilak). Isso cria uma conexão no modo como a revelação de Morgana disfarçada aparece no poema:

(...) em minha casa vive a poderosa Morgana le Fay,
Tão versada e hábil nas artes das trevas,
Ela que aprendeu magia com Merlin, o mestre dos mistérios,
Pois nos tempos antigos ela estava intimamente ligada
Àquele homem sábio (...)
Sim, Morgana, a deusa,
Famosa por tão nobre reputação.
Não há ninguém mais poderoso
Que não caia em sua submissão.
(...)
Portanto, aquela velha que habita minha casa
É também sua tia, meia-irmã de Arthur,
Filha da Duquesa de Tintagel; a duquesa
Que por Uther, era a mãe de Arthur, seu rei.
(SIR GAWAIN E O CAVALEIRO VERDE, 2020, p. 84).

No filme, não temos esta revelação específica, mas podemos ver que a Mãe está presente como a velha de olhos vendados. Em uma das cenas a vemos acalmar Gawain silenciosamente quando a mesma entra em seu quarto e se aproxima do personagem dando ao cavaleiro a impressão que ele já havia visto antes. Ela também está presente na cena de sedução no quarto, fato que assusta Gawain ao vê-la do lado de sua cama.

Concordando com Tracy (2007), Morgana também não aparenta ser um demônio no filme já que em nenhum momento suas ações são vistas como malignas. Ela, porém, é chamada de feiticeira por um homem em uma taverna em que Gawain está, o que faz o jovem cavaleiro se tornar violento e a agredir quem chamou sua mãe de bruxa. Contudo, é interessante notar no filme que durante as cenas da sedução da Senhora Bertilak, ela pergunta a Gawain se este acredita em magia e ele diz que sim e que ela “Está ao nosso redor”. (A LENDA DO CAVALEIRO..., 2021, on-line), algo que seria válido para o filho de

uma bruxa revelar e evidenciando a presença do sobrenatural pela narrativa. É neste momento que a Senhora entrega o cinto que Gawain havia perdido de volta fazendo com que ele o use como proteção até o final da narrativa. Durante essas cenas podemos perceber que talvez outro disfarce que Morgana usou durante a jornada de Gawain seja também o da Senhora da casa para testar ainda mais seu filho (devemos lembrar que a anciã está do lado da cama de Gawain durante a sedução, podendo ou não estar controlando a Senhora).

Voltando para o início do filme, durante a aparição do Cavaleiro Verde no banquete de Arthur, vemos que Guinevere está presente e diferentemente do poema não demonstra medo quando o banquete é interrompido. A adaptação cinematográfica, dessa maneira, não mostrou a desavença de Morgana por Guinevere que o poema estabelece, mas nos mostra como o jogo é criado e continuado especialmente pelas figuras femininas. Temos essa confirmação por ser Guinevere, interpretada por Kate Dickie, quem lê os termos do jogo do Cavaleiro falando em meio a uma possessão durante o banquete. Sua voz muda repentinamente e a cor verde permeia o ambiente. Percebe-se assim que, apesar de Gawain ser a personagem que realiza o jogo, são as mulheres que irão orquestrá-lo. Nem Arthur nem seus cavaleiros participam do desafio. O mago da corte (reconhecido como Merlin) não consegue identificar quem o Cavaleiro é, deixando que o jogo seja dito pela rainha de Arthur. A relação que o filme demonstra entre a Mãe e a Rainha pode ser tida como uma ligação. A Mãe estabelece o jogo e a Rainha dita os termos. A conexão das duas personagens se faz de maneiras diretas e indiretas e é vista novamente durante a preparação de Gawain para sua jornada.

Quando o cavaleiro está sendo armado para sua aventura, vemos cenas sendo dispostas, uma após a outra, em que o filme mostra as feiticeiras criando cinto de Gawain e depositando a magia nele, realizando um ritual dentro do universo pagão. Em contraste, demonstrando o mundo cristão, vemos o escudo de Gawain sendo abençoado por padres, benzido por água benta e inscrito com o pentagrama (símbolo importante que falaremos a seguir). Ademais, quem faz as bênçãos em Gawain é Guinevere e não Arthur. Ela faz uma reza pedindo “Que a Virgem Maria deixe seus cinco sentidos afiados.” (A LENDA DO CAVALEIRO..., 2021, on-line) em referência ao modo como Gawain é abençoado ao ser armado no poema:

Primeiro, ele era considerado perfeito em seus cinco sentidos;
E em segundo lugar, seus cinco dedos nunca lhe falharam;
E em terceiro, sua fé era fundada nas cinco chagas
Que Cristo recebeu na cruz, como lembra o credo.
(...)
A força moral que ele encontrou nas cinco alegrias
Que Maria concebeu em seu filho, nosso Salvador
Precisamente por essa razão, o cavaleiro principesco
Tinha sua imagem dentro de seu escudo,
Pois ao olhar em seus olhos, sua coragem não o deixava.
(SIR GAWAIN E O CAVALEIRO VERDE, 2020, p. 29).



Aqui temos dois símbolos que são importantes para o entendimento da narrativa. O número cinco, que é representado pelo pentagrama e a evocação da Virgem Maria. Esta, apesar de não ser um personagem com falas no poema ou no filme, é uma personagem necessária para a narrativa de Gawain. A Virgem Maria é representada em seu escudo e é durante a época medieval que o culto à Virgem fica extremamente forte. Este culto irá permear diversos textos medievais e por ter um forte motivo cristão, as rezas que Gawain faz à Virgem e seu aspecto elevado (até mesmo ao patamar de deusa) a coloca como uma das mulheres sobrenaturais que permeiam o poema. Comentando um pouco mais sobre esse culto, Marina Warner explica:

In iconography of medieval Christendom and later, she often holds the centre stage, both at the Ascension and at the gift of tongues; a towering figure, she becomes the very embodiment of *Mater Ecclesia*, brimming over with the grace and power of the Spirit, and before whom the apostles sometimes kneel in awe.⁷ (WARNER, 2013, p. 19, grifos da autora).

A associação da Virgem Maria com Guinevere demonstra a representação da corte de Arthur como cristã criando um distanciamento da magia pagã feita pela Mãe e suas companheiras. Uma das referências mais diretas ao cristianismo no filme seriam as coroas de Arthur e Guinevere que possuem uma auréola na parte de trás dispondo seu usuário em uma imagem de um santo ou santa. Contudo, as conexões de Guinevere e a Mãe durante a cena do armamento colocam as duas personagens não como contrastes, mas como paralelos que irão se cruzar durante a narrativa.

Outra personagem insólita feminina que o filme insere durante a jornada de Gawain é Winifred. No poema, é descrito que o cavaleiro passa por diversos pontos geográficos, sendo “*Holyhead*” um deles. Para as audiências da época medieval seria conhecido que esta é uma referência à Santa Winifred, porém, o filme designa esse contato mais diretamente contando um pouco da história da personagem. O nome dado a este capítulo no filme se intitula “*A meeting with St. Winifred*” (“Um encontro com Santa Winifred”, em português). Gawain a conhece quando chega a uma casa no meio da floresta e é acordado por uma moça jovem que lhe pergunta por que ele dorme em sua cama. Gawain percebe que a moça é um espírito ao vê-la flutuando. Ela se apresenta como Winifred (interpretada por Erin Kellyman) e pede que Gawain resgate sua cabeça do fundo de um lago. A menção da Santa Winifred é importante, pois ela também foi decapitada (sendo um paralelo forte com a história de Gawain). Durante as cenas com Winifred também vemos uma fumaça verde emanando de sua cabana, simbolizando, através do uso das cores, que a mesma não pertence a aquele mundo.

Do mesmo modo que o filme agrupou duas personagens em uma (Morgana e Morgause), ele também agrupa duas atrizes em personagens distintas. Estas seriam

⁷ Na iconografia da cristandade medieval e posterior, ela frequentemente ocupa o centro do palco, tanto na Ascensão quanto no dom de línguas; uma figura imponente, ela se torna a própria personificação da *Mater Ecclesia*, transbordando com a graça e o poder do Espírito, e diante de quem os apóstolos às vezes se ajoelham em reverência. (WARNER, 2013, p. 19, grifos da autora, tradução nossa).

Essel e a Senhora Bertilak, ambas interpretadas por Alicia Vikander. Essel é uma mulher comum e amante de Gawain e a Senhora Bertilak é a mulher que irá o seduzir durante sua estadia na casa de Bertilak. A Senhora aparece como sedutora de Gawain no poema para testar sua lealdade com seu anfitrião, ela, porém, aparece no longa-metragem para testar novamente sua lealdade como cavaleiro.

A Senhora Bertilak tem uma adaptação um pouco diferente do que no poema original. Ela ainda continua sendo um teste de Gawain – especialmente por ser interpretada pela mesma atriz que interpreta Essel, fazendo com que Gawain se lembre de sua amante. No filme, contudo, o teste que ela administra em Gawain não é referente somente com seu valor como cavaleiro, mas também com sua fidelidade para com Essel. No poema, a Senhora e Gawain conversam por três noites antes que ela peça que o mesmo traia seu anfitrião, o Senhor Bertilak. No filme, as conversas com a Senhora duram menos e ela pede que Gawain pose para um retrato enquanto o mesmo lê partes de um livro que ela o deu. Gawain recita “*When the nyhtegale sings*”, um poema medieval condizente com o amor cortês. Na obra cinematográfica, a Senhora não existe somente para testar a fidelidade de Gawain com Bertilak e sim para testar sua lealdade com as pessoas que Gawain ama de volta para casa.

Em uma das cenas com a Senhora na adaptação, também temos uma relação mais sexualmente explícita acontecendo. É interessante, porém, que o que aparenta estar seduzindo Gawain não é somente a beleza da Senhora, mas a condição mágica que ela possui. Ao concordar que magia existe, como dito anteriormente, a Senhora oferece o cinto verde mágico novamente a Gawain e ele o reconhece como o cinto de sua mãe. A Senhora explica que ela própria criou o cinto (podendo simbolizar uma relação incestuosa já que a Senhora pode ser a mãe disfarçada). Gawain pode ter o cinto de volta, mas aceitá-lo significa quebrar seu juramento como cavaleiro e trair seu anfitrião, assim como trair Essel. A recuperação do cinto deixa Gawain envergonhado, mas é o que lhe dá novamente coragem para enfrentar o Cavaleiro Verde na Capela.

O modo como o filme interpretou a cena do cinto é bem condizente com o poema. Gawain sempre precisa trair alguém para ganhar o cinto. No poema, no entanto, ele trai somente o Senhor Bertilak e suas convenções como hóspede ao aprender que o cinto possui propriedades mágicas. Gawain sempre escolhe o cinto já que lhe é dito que “(...) o corpo que está amarrado ao redor deste cinto verde, (...) / Estará seguro contra aqueles que procuram golpeá-lo, / E toda astúcia da terra não fará dele um morto.” (SIR GAWAIN E O CAVALEIRO VERDE, 2020, p. 66).

O filme também traz a personagem da raposa que acompanha Gawain durante sua jornada que o tenta a não entrar na Capela. A raposa é outro teste de coragem de Gawain e pode ter sido colocado ali pela sua mãe para que o mesmo prove novamente que é digno de ser um cavaleiro. Desta forma, as tentações de Gawain que aparecem durante o filme sempre são identificadas com uma raiz vinda de sua mãe. Isto nos é revelado na última sequência de eventos que acontece após Gawain desistir do golpe e fugir da

Capela. Esta sequência é depois revelada ser seus próprios pensamentos contemplando o futuro e sua covardia, porém, vemos o Gawain que nunca retira o cinto verde que após ter seu reino enfraquecido e destruído em uma cena final, é abandonado por todos (incluindo sua mãe) e sua cabeça finalmente cai de seu corpo. O filme demonstra o que aconteceria caso Gawain recusasse o golpe e nunca mais retirasse o cinto mágico, ou seja, se Gawain se escondesse para sempre no presente de sua mãe e ficasse preso às propriedades mágicas, nunca tendo sua independência e coragem para aceitar seus momentos de medo. Ainda na entrevista para Vanity Fair, o diretor comenta como o filme cria essa narrativa entre mãe e filho em busca de uma independência:

It became a drama about a mother and a son in a way that I hadn't intended," he says. "All of a sudden, I was writing about my own relationship with my mom, and the fact that I stayed, I lived under her roof for far longer than I should have. I had failure-to-launch syndrome, and she eventually had to force me out."⁸ (LOWERY, 2021, on-line)

O filme demonstra, de maneira clara, a procura de Gawain por sua coragem, do mesmo modo que o poema estabelece que Gawain, mesmo sendo um cavaleiro famoso, também possuía falhas e agia como um homem comum. Como Burrow (2020) explica: "The poem is both a lay of marvels and a moral tale; its hero is both a superior romantic figure, capable of prodigies of courage and endurance, and an Everyman figure, 'one of us'."⁹ (BURROW, 2020, p. 184).

Falaremos a seguir sobre dois outros símbolos importantes ligados ao insólito da narrativa durante o filme: o uso das cores e a imagem do pentagrama. Estes são importantes para entender o papel da magia no decorrer da aventura de Gawain e a associação das personagens femininas entre si e com o sobrenatural.

“Ele não é deste mundo.” – A importância das cores e do pentagrama mágico

A adaptação cinematográfica é permeada com um simbolismo de cores para ilustrar diferentes significados durante a narrativa. Primeiramente, a cor que domina Gawain é o amarelo, que pode significar tanto sua inocência em sua jornada, mas está claramente demonstrando a covardia que o jovem cavaleiro ainda tem. Podemos ver essa relação sendo estabelecida em certos momentos: Sua capa amarela é um dos únicos itens que Gawain não perde quando é emboscado e é a cor que está presente dentro da Capela e ao seu redor quando Gawain ainda tem medo. Essa cor desaparece nas últimas cenas do filme quando Gawain aceita receber o golpe do Cavaleiro sem o cinto mágico mostrando

⁸ "Tornou-se um drama sobre mãe e filho de uma forma que eu não pretendia", diz ele. "De repente, eu estava escrevendo sobre meu próprio relacionamento com minha mãe e, pelo fato de ter ficado, vivido sob o teto dela por muito mais tempo do que deveria. Eu tinha síndrome de falha no lançamento e ela acabou tendo que me forçar a sair." (LOWERY, 2021, on-line, tradução nossa).

⁹ "O poema é um conjunto de maravilhas e um conto moral; seu herói é uma figura romântica superior, capaz de prodígios de coragem e resistência, e uma figura de homem comum, 'um de nós'." (BURROW, 2020, p. 184).

ter superado sua covardia.

A cor azul aparece sempre representando a nobreza. Além de ser a cor mais dominante na corte de Arthur, nas vestimentas dos cavaleiros e de Guinevere, é também a cor do vestido da Senhora e das vestes de Bertilak.

Contudo, as cores mais importantes para este trabalho são o vermelho e o verde. Principalmente o verde, que é tanto a cor do Cavaleiro quanto do cinto mágico. Sua relevância é descrita em um dos diálogos entre a Senhora, Bertilak e Gawain. Nesta cena, a Senhora pergunta qual o motivo do Cavaleiro ser verde em um momento em que ela aparenta estar instigando o jovem aventureiro. Gawain responde com sabedoria “Pois ele não é deste mundo”. (A LENDA DO CAVALEIRO..., 2021, on-line). A Senhora ilustra também os diferentes usos do verde pela humanidade, que além de ser a cor da natureza é também do mofo e da morte e faz um grande discurso sobre o uso do verde, que já este possui grande importância para a narrativa:

But green is the color of earth, of living things, of life. [...] We deck our halls with it and dye our linens. But should it come creeping up the cobbles, we scrub it out, fast as we can. When it blooms beneath our skin, we bleed it out. [...] Whilst we're off looking for red, in comes green. Red is the color of lust, but green is what lust leaves behind, in heart, in womb. [...] When you go, your footprints will fill with grass. Moss shall cover your tombstone, and as the sun rises, green shall spread over all, in all its shades and hues. This verdigris, will overtake your swords and your coins and your battlements and, try as you might, all you hold dear will succumb to it. Your skin, your bones. Your virtue.¹⁰ (A LENDA DO CAVALEIRO..., 2021, on-line).

O verde é uma cor simbólica para o poema já que a aparição do Cavaleiro Verde pode ser vista também como o mundo natural tomando seu lugar dentro da corte de Arthur, que está enfraquecendo. O filme demonstra essa ideia quando o Cavaleiro deposita seu machado no chão e plantas crescem ao seu redor. O modo que o Cavaleiro é descrito no poema sempre enfatiza sua cor esverdeada além da sensação de mistério e medo que ele provoca:

Uma forma assustadora apareceu, emoldurada na porta;
Uma montanha de um homem, incomensuravelmente alto,
Um brutamontes de um humano da cabeça aos quadris,
Tão longo e largo em suas costas e membros
Que eu deveria genuinamente julgá-lo como um meio gigante,
[...]
Seu tom verde esmeralda

¹⁰ Mas o verde é a cor da terra, dos seres vivos, da vida. [...] Nós enfeitamos nossos salões com ele e tingimos nossos linhos. Mas se vier subindo pelos paralelepípedos, nós o esfregamos o mais rápido que pudermos. Quando floresce sob nossa pele, nós o sangramos. [...] Enquanto procuramos o vermelho, entra o verde. Vermelho é a cor da luxúria, mas verde é o que a luxúria deixa para trás, no coração, no ventre. [...] Quando você se for, suas pegadas vão se encher de grama. O musgo cobrirá sua lápide e, quando o sol nascer, o verde se espalhará por tudo, em todas as suas sombras e matizes. Este verdigris ultrapassará suas espadas, suas moedas e suas ameias e, por mais que tente, tudo o que você ama sucumbirá a ele. Sua pele, seus ossos. Sua virtude. (A LENDA DO CAVALEIRO..., 2021, on-line, tradução nossa).

De espanto inflou de todos o peito,
Jamais uma alma presenciou
Um cavaleiro de tal jeito.
E seu equipamento e vestimentas também eram verdes:
Uma túnica justa, feita sob medida para seu torso,
E uma capa para cobri-lo, o tecido totalmente forrado
Com pele bem tosada, e revestido
Com arminho branco, assim como o capuz,
Um xale caído em seus ombros, tirado de sua cabeça.
Em seus membros inferiores, suas calças também eram verdes,
Enroladas em volta das canelas, e suas esporas cintilantes
Eram verdes douradas, amarradas com seda listrada,
E estavam em suas meias, pois aquele estranho estava descalço.
Em todas as vestes, ele se revelava verdadeiramente verdejante!
[...]
Nenhum homem fora de seu sonho já testemunhara tal guerreiro
Ou estranho cavalo de guerra; sobrenatural, mas de carne
E osso.
(SIR GAWAIN E O CAVALEIRO VERDE, 2020, p. 13-14).

As representações do verde durante o filme são importantes, pois todas simbolizam o sobrenatural. O Cavaleiro, a Capela, o cinto protetor, as cores das bruxas, as fumaças que saem da casa de Winifred etc. Novamente de acordo com Burrow “According to medieval tradition, the colour green was particularly favoured by such creatures. It was the colour of fairies, the colour of the dead, and the colour of the devil.”¹¹ (BURROW, 2020, p. 14).

Desta forma podemos ver que o filme possui uma interpretação semelhante do insólito no poema. A cor mais dominante do filme é sem dúvida o verde e é colocada estrategicamente para que a audiência possa perceber a invasão da natureza na narrativa e momentos nos quais algum simbolismo mágico está acontecendo, porém, a representação da cor vermelha não passa despercebida. O diretor também adiciona na narrativa algumas representações simbólicas do vermelho. Esta cor aparece em momentos em que a magia parece vir do universo masculino da corte de Arthur. Ela aparece quando Merlin faz um feitiço durante a aparição do Cavaleiro Verde na corte para tentar identificá-lo e também aparece quando Gawain mergulha na fonte de Santa Winifred e escuta a voz de Arthur.

Partimos agora para uma nova interpretação do simbolismo mágico do pentagrama durante a adaptação cinematográfica. Discutiremos o símbolo do pentagrama no poema original e como este foi transposto ao filme de forma a revelar a sincronia das personagens femininas da narrativa.

Como dito anteriormente, tanto o poema quanto o filme possuem muito mais personagens femininas do que masculinas. Temos cinco personagens femininas principais – A Mãe (Morgana/Morgause), Essel, Senhora Bertilak, Santa Winifred e Guinevere. Podemos ver que cada uma tem uma influência sobre a outra, simbolizando

¹¹ “De acordo com a tradição medieval, a cor verde era particularmente preferida por essas criaturas. Era a cor das fadas, a cor dos mortos e a cor do demônio.” (BURROW, 2020, p. 14, tradução nossa).

as cinco pontas que guiam Gawain durante sua jornada. Essas cinco pontas são importantes, pois representadas na imagem do pentagrama que Gawain usa.

O pentagrama é um símbolo importante no poema; na narrativa do longa-metragem e no simbolismo medieval. Ele é a representação de Gawain como um cavaleiro nobre e que demonstra sua verdade para com a corte de Arthur, como John Burrow (2020) descreve: “[...] it is the pentangle which, by its shape, most completely symbolizes Gawain’s ideal—just as, by its colour, it symbolizes his perfect realization of it.”¹² (BURROW, 2020, p. 41). Ele é um símbolo humano no poema e é visto no escudo que Gawain usa. A simbologia do pentagrama evoca os cinco sentidos e alegrias que já descrevemos anteriormente fazerem parte da bênção da armadura de Gawain. O escudo também é pintado com a imagem da Virgem Maria, que, como já discutimos, possuía um culto importante durante a Idade Média. A narrativa cinematográfica fez questão de incluir o pentagrama e a imagem da Virgem Maria no escudo de Gawain, porém, outro simbolismo irá conectar o pentagrama com as personagens femininas.

Como Gerald Morgan em seu artigo “*The significance of the pentangle symbolism in “Sir Gawain and the Green Knight”*” explica: “The pentangle is therefore established as a symbol of human excellence or perfection.”¹³ (MORGAN, 1979, p. 773). Ele é colocado na narrativa para justificar a excelência de Gawain e o estabelecer como um verdadeiro cavaleiro: “The poet, after having established his major premiss (the pentangle is a sign of truth) and anticipated his conclusion [...], goes on to establish what is logically his minor premiss: that Gawain is ‘true’”¹⁴ (BURROW, 2020, p. 44). A conexão do pentagrama com o número cinco é descrito nos versos da preparação de Gawain para sua jornada demonstrando como “[...] he was faultless in his five senses; he never failed in his five fingers; he trusted in the five wounds of Christ; he drew his strength from the five joys of Mary; and he practised five virtues—franchise, fellowship, cleanness, courtesy, and pity.”¹⁵ (BURROW, 2020, p. 45).

Na adaptação cinematográfica vemos o pentagrama em algumas cenas específicas. Primeiramente, ele está no colar de Arthur e dos cavaleiros da corte. Quando Gawain golpeia o Cavaleiro Verde durante o banquete do Natal, o símbolo aparece presente no chão e pode ser visto de cima. A bênção de Guinevere e a representação do símbolo no escudo de Gawain também são colocadas com precisão pelo diretor.

O que o pentagrama pode estabelecer, porém, não é somente a conexão de Gawain com seus ideais de cavaleiro, mas é também uma imagem prática que simboliza a

¹² “[...] é o pentagrama que, por sua forma, simboliza mais completamente o ideal de Gawain – assim como, por sua cor, simboliza sua perfeita realização dele.” (BURROW, 2020, p. 41).

¹³ “O pentagrama é, portanto, estabelecido como um símbolo de excelência ou perfeição humana.” (MORGAN, 1979, p. 773, tradução nossa).

¹⁴ “O poeta, depois de ter estabelecido sua premissa maior (o pentagrama é um sinal de verdade) e antecipado sua conclusão [...], passa a estabelecer o que é logicamente sua premissa menor: que Gawain é ‘verdadeiro’”. (BURROW, 2020, p. 44, tradução nossa).

¹⁵ “[...] ele era impecável em seus cinco sentidos; ele nunca falhou em seus cinco dedos; ele confiou nas cinco chagas de Cristo; tirou sua força das cinco alegrias de Maria; e ele praticou cinco virtudes – franquia, companheirismo, limpeza, cortesia e piedade. (BURROW, 2020, p. 45, tradução nossa).

conexão das personagens femininas – tanto no poema quanto em sua adaptação.

A importância das personagens femininas não pode ser deixada de lado ao interpretarmos o poema original medieval *SGCV*. Do mesmo jeito, ela não pode ser deixada de lado quando analisamos o filme e o papel que as mulheres e suas conexões com o sobrenatural possuem na narrativa. Pensando em cada personagem feminina individualmente, vemos que uma se une a outra. Guinevere e Essel são representações do mundo humano de Gawain (estabelecendo entre elas o vínculo com a Virgem Maria); A Mãe e A Senhora Bertilak compartilham de um laço mágico podendo ou não ser uma em disfarce no corpo da outra. Do mesmo modo, a Senhora e Essel são representadas no mesmo corpo – durante a narrativa do filme, Essel até pede que Gawain a faça sua “Senhora”. A Mãe também se conecta com Santa Winifred já que ambas portam representações insólitas, porém Winifred também pertence ao mundo cristão que Guinevere está inserida. Desta maneira vemos que todas se conectam de um modo ou de outro auxiliando Gawain em seus testes e sua jornada.

Larissa Tracy também estabelece uma conexão entre o pentagrama e as personagens femininas demonstrando que além da narrativa ser povoada pelo feminino, cada uma delas representa uma das pontas do pentagrama, invocando o simbolismo mágico na presença dessas personagens:

The pentangle retains its magical associations with a goddess figure in modern folklore and pagan religions, an association also made, it can be argued, by the Gawain-poet who weaves into his narrative not one, but three pentangles, worn by Gawain as his device, and who populates his tale with women – Guinevere, the Virgin Mary, Lady Bertilak – to whom Gawain offers service and devotion, integrating the forms of female divinity from the pagan mythology, the Kabbalah, and Christian tradition and illustrating how, at their center, these traditions share the same ‘mother’.¹⁶ (TRACY, 2007, p. 36)

Esta representação do pentagrama mágico acerca da forma que as mulheres da narrativa estão entrelaçadas não é incomum para interpretações de *SGCV*. Como Geraldine Heng elabora:

This familiar-unfamiliar story transmits the registers of the feminine text, whose key players are curiously elusive, enigmatic women. Plans initiated by one woman are directed at another, performed by a third, and modulated by the actions of a fourth: read in this fashion, the romance is the theater of its feminine figures, a field in which forces of tension and filiation circulate within a feminine relay. Each woman, moreover, even the most shadowy (the Blessed Virgin and Guenevere, who exist principally as

¹⁶ O pentagrama mantém suas associações mágicas com a figura de uma deusa no folclore moderno e nas religiões pagãs, uma associação também feita, pode-se argumentar, pelo poeta Gawain que tece em sua narrativa não um, mas três pentagramas, usados pelo poeta de Gawain como seu dispositivo, e que povoa seu conto com mulheres – Guinevere, a Virgem Maria, Lady Bertilak – a quem Gawain oferece serviço e devoção, integrando as formas da divindade feminina da mitologia pagã, da Cabala e da tradição cristã e ilustrando como, em seu centro, essas tradições compartilham a mesma ‘mãe’. (TRACY, 2007, p. 36, tradução nossa).

names and attenuated presences), is intricately elaborated in multiple identifications with every other woman, so that a sense of the limits of individual identity is never accomplished, troubled always by the repeated crossing over of division among the women. The result is the emergence of a feminine example in the text of identity as plural, heterogenous, and provisional, elusively reforming elsewhere just as it might seem most fixedly locatable.¹⁷ (HENG, 1991, p. 501-502).

O modo notável que o longa-metragem encontrou para estabelecer essa conexão se deu utilizando os mesmos símbolos insólitos encontrados no poema: o pentagrama, a Virgem Maria, a descrição de Morgana como deusa, entre outros. Contudo, inseriu-se outras cenas significantes como as de Santa Winifred, a assimilação de Essel/Senhora e o simbolismo das cores para conseguir explicar tais acontecimentos para uma audiência moderna sem deixar de lado a importância da magia e das mulheres na narrativa. Assim, percebemos que a conexão das personagens femininas ilustradas como o pentagrama se estabelece também na adaptação cinematográfica do poema já que tanto o pentagrama quanto as mulheres são as representações mais fortes do insólito na narrativa. A conjunção de todos esses elementos e cada papel que as personagens femininas cumprem na narrativa demonstram a conjunção de antigos ideais pagãos com vertentes de símbolos cristão e seus respectivos significados.

Considerações finais

A adaptação cinematográfica de David Lowery de *SGCV* tomou certas liberdades artísticas em algumas das representações do poema, sobretudo, acerca de suas personagens femininas. O que esperamos ter demonstrado com este trabalho foi como, a partir de uma nova reinterpretação das personagens, o cineasta conseguiu focar alguns dos símbolos principais da narrativa dando uma nova interpretação acerca do insólito e das motivações das personagens principais da narrativa.

Como vimos anteriormente, a união das irmãs feiticeiras Morgana le Fay/Morgause como Mãe de Gawain e seus testes durante a narrativa não é algo inédito em narrativas cinematográficas, mas o longa consegue trazer mais à tona o perfil mágico de Morgana como a criadora do jogo. No poema original, temos a revelação que ela estava por trás de todos os testes de Gawain, mas nenhuma justificativa é apresentada além de algumas linhas quando o Senhor Bertilak comenta ser tudo uma armadilha contra Guinevere. Como

¹⁷ Essa história familiar-desconhecida transmite os registros do texto feminino, cujos protagonistas são mulheres curiosamente esquivas e enigmáticas. Os planos iniciados por uma mulher são dirigidos a outra, executados por uma terceira e modulados pelas ações de uma quarta: assim lido, o romance é o teatro de suas figuras femininas, um campo no qual circulam forças de tensão e filiação dentro de si e de um revezamento feminino. Além disso, cada mulher, mesmo a mais obscura (a Santíssima Virgem e Guinevere, que existem principalmente como nomes e presenças atenuadas), é intrinsecamente elaborada em múltiplas identificações com todas as outras mulheres, de modo que um senso dos limites da identidade individual nunca é alcançado, perturbado sempre pelo cruzamento repetido de divisão entre as mulheres. O resultado é a emergência de um exemplo feminino no texto de identidade como plural, heterogêneo e provisório, reformando-se evasivamente em outro lugar, assim como pode parecer localizável de maneira mais fixa. (HENG, 1991, p. 501-502, tradução nossa).

vimos, críticos apresentam visões diferentes acerca do que os testes de Morgana realmente representam para a narrativa, alguns não dando tanta importância para sua existência no poema e outros tendo uma perspectiva na qual ela possui um papel bem mais significativo. Estamos de acordo com a segunda opinião, como exemplificado por Tracy (2007) que demonstrou como os elementos de Morgana associam o texto a uma tradição tão pagã quanto cristã.

Não é somente Morgana que tem um papel importante na narrativa de Gawain, mas sim todas as personagens femininas, criando um modelo de conexão mágica entre as mesmas. A adaptação pode ter inserido mais duas vozes na narrativa: como Santa Winifred e Essel, mas vemos que a adição das personagens não retira nenhuma significância do texto e sim adiciona mais elementos medievais e perspectivas que podem ser encontradas na jornada do cavaleiro Gawain.

A conjunção das personagens femininas: A Mãe, Essel, Senhora Bertilak, Guinevere, Santa Winifred (além das personagens femininas sem grandes descrições, que não discursamos a fundo no trabalho – como as bruxas que acompanham a Mãe; uma das ladras que ataca Gawain; a noiva estrangeira no final na narrativa e até mesmo uma breve aparição de Helena de Tróia durante os primeiros minutos do filme) estabelecem entre si vínculos insólitos que são confirmados com a representação do pentagrama.

A adaptação de David Lowery foi inteligente em usar os símbolos medievais e uní-los com símbolos que audiências modernas iriam entender – como o simbolismo das cores verde e vermelho – para garantir uma melhor compreensão do jogo de Morgana, mesmo que o filme contenha um desfecho ambíguo e cenas misteriosas que valem uma discussão maior.

Por fim, percebemos que essa amálgama de personagens femininas não está no corpo do texto por pura coincidência e que seus papéis na narrativa são importantes para ilustrar o sincretismo que o mundo pagão estabelece com o mundo cristão no poema, além de demonstrarem representações de deusas insólitas com a representação de mulheres comuns na narrativa. O jogo, desta forma, mesmo destinado somente a Gawain, não é somente de Morgana, mas de todas as personagens femininas que adentram a trama. Estabelecendo desta forma, uma aproximação maior ao divino feminino e o papel que cada uma dessas personagens conserva no mundo sobrenatural.

Gawain, no poema original, é dotado de coragem e valentia, mas comete erros como um homem comum ao ser testado por forças além de sua compreensão. Na adaptação cinematográfica, ele é um jovem que busca sua coragem em meio a um desafio imposto por um ser misterioso que foi criado por sua mãe para ajudar o filho a encontrar sua independência. Gawain, mesmo sendo o protagonista das duas narrativas (tanto no poema quanto em sua adaptação) está sujeito às regras impostas pelas convenções sobrenaturais das mulheres que o cercam. Ele se torna um peão em um jogo de deusas, fadas e santas.

Referências

A LENDA DO CAVALEIRO VERDE. Direção: David Lowery. Produção: A24. GooglePlay. 2019. 130 minutos.

SIR GAWAIN E O CAVALEIRO VERDE. Trad. de Artur Avelar. Belo Horizonte: Barbudânia, 2020.

BURROW, John Antony. *A reading of Sir Gawain and the Green Knight*. London: Routledge, 2020.

FRIEDMAN, Albert Barron. Morgan Le Fay in Sir Gawain and the Green Knight. *Speculum*, University of Chicago Press, v. 35, n. 2, p. 260-274, 1960.

FRIES, Maureen. How to Handle a Woman, or Morgan at the Movies. In: HARTY, Kevin J. (Ed.). *King Arthur on Film: New Essays on Arthurian Cinema*. Jefferson: McFarland, 1999, p. 67-80.

HEBERT, Jill. *Morgan Le Fay, Shapeshifter*. New York: Palgrave Macmillan. 2013.

HENG, Geraldine. Feminine knots and the Other Sir Gawain and the Green Knight. *PMLA*, Modern Language Association, v. 106, n. 3, p. 500-514, 1991.

LOWERY, David. The Green Knight's Ending, Explained. Entrevista concedida a Joanna Robinson. *Vanity Fair*, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2021/07/green-knight-ending-explained-does-he-die-gawain-dev-patel>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MORGAN, Gerald. The Significance of the Pentangle Symbolism in "Sir Gawain and the Green Knight". *The Modern Language Review*, v. 74, n. 4, p. 769-790, 1979.

TRACY, Larissa. A Knight of God or the Goddess?: Rethinking Religious Syncretism in "Sir Gawain and the Green Knight". *Arthuriana*, v. 17, n. 3, p. 31-55, 2007.

WARNER, Marina. *Alone of All her sex*. The Myth and the Cult of the Virgin Mary. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NOTAS DE AUTORIA

Gabriela Carlos Luz (gabriela.luz@unesp.br) é doutoranda e mestra em Estudos Literários pela UNESP – FCL-Ar. Graduada em Letras (Bacharelado/Licenciatura) com ênfase em Língua Inglesa pela mesma instituição. Realiza pesquisas na área de Literatura focando-se principalmente no período medieval e em tópicos como o Sobrenatural, Feminismo e o Feminino Monstruoso. Parte dos grupos de pesquisa (CNPq) "Vertentes do Fantástico na Literatura" e "Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica".

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

LUZ, Gabriela Carlos. Deusas, santas e o pentagrama mágico em *A lenda do cavaleiro verde* (2021). *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-20, 2023.

Contribuição de autoria

Não se aplica.



Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 21/02/2023

Revisões requeridas em: 10/04/2023

Aprovado em: 16/05/2023

Publicado em: 07/07/2023

